



# A HISTÓRIA, O CHEFE E A DOCTRINA MILITAR

Nilton Moreira Rodrigues

*"Temos todos que vivemos  
uma vida que é vivida  
e outra vida que é pensada;  
e a única vida que temos  
é essa que é dividida  
entre a verdadeira e a errada"*

Fernando Pessoa

A história é uma disciplina científica que tem por objetivo o estudo sistemático dos fatos sociais, considerados em suas particularidades de tempo e lugar. Ciência da mudança perpétua das sociedades humanas, como a definiu um historiador de nossos dias, ela é também o próprio acontecer dessa mudança: a ascensão, o apogeu e a decadência das civilizações.<sup>1</sup>

Os casos ou fatos históricos são as fontes da história.

O historiógrafo, através do método histórico, examina e interpreta as ações passadas, proporcionando ao homem um conhecimento mais amplo de seu próprio ser e colhendo os benefícios da experiência de outras gerações. Os casos históricos são as parcelas de uma soma onde o resultado é a própria história.

A história militar é um dos ramos da história geral. Nela estudamos os feitos militares — as guerras — seus antecedentes, suas conseqüências e o quadro político-econômico-social cristalizador dos eventos considerados.

O caso histórico militar é a particularização da história militar. Tanto pode ser uma ação desenvolvida por uma patrulha de combate de valor pelotão ou grupo de combate, como pode ser a invasão da Normandia na 2ª Guerra Mundial, ou ainda, o conjunto das campanhas napoleônicas. Assim, notamos que o caso histórico-militar tem uma importância relativa no conjunto da história militar. Ora poderá ter um valor preponderante, ora será insignificante. O ângulo de observação do his-

<sup>1</sup> Enciclopédia Barsa. Vol 16. Planos de Estudo. Pág. 279. Ed. 1973.

torizador é que lhe conferirá a devida essencialidade. Naturalmente que tudo se subordinará ao grau de amplitude e ao destino que serão dados ao estudo em curso.

Procuraremos realizar um estudo global. Optaremos pelas generalizações e somente quando absolutamente necessário, para maior clareza e entendimento do assunto, particularizaremos.

Conscientemente, confundiremos casos históricos militares com a própria "história militar". Naturalmente que a razão de tal procedimento tem uma explicação óbvia: a generalização desejada.

Aos vocábulos Chefe, Comandante e Líder daremos a mesma conotação. A proposital mistura na compreensão de tais palavras em nada prejudicará a condução do assunto. Assim agiremos, para uma maior facilidade de concatenação das idéias aqui apresentadas.

No decorrer do estudo, analisaremos como se procede a formação do chefe militar, a formulação da doutrina correspondente e como a história militar influi marcadamente nessa formação do chefe e na formulação da doutrina militar. Em rápidas incursões, apresentaremos como anda a doutrina militar terrestre nacional, sua tradição, o estágio atual e as nossas perspectivas nesse campo. Finalmente, teremos algumas conclusões generalizantes a respeito do tema proposto.

## O CHEFE MILITAR

### Fontes do conhecimento

"O chefe é o homem ou organismo que deve impor sua vontade a um conjunto humano (jogo de outras vontades) e levá-lo à conquista do objetivo comum."<sup>2</sup>

Segundo o Gen Juan Enrique Guglielmelli, "A guerra é ciência e é arte. Ciência no estudo de sua teoria, no caudal dos conhecimentos que possam adquirir-se mediante uma disciplina intelectual sistemática. É arte em sua execução, na imaginação criadora do comandante, pronto a encontrar a solução do problema concreto nas raízes mais profundas de seu espírito."<sup>3</sup> Por isso a ESG da República Argentina dá especial atenção em seus cursos ao estudo do Comando e da História Militar.

Assim, o chefe militar obtém experiência nas duas fontes retro-citadas e mais uma terceira, que é a própria guerra.

"Somente a paixão do estudo e uma grande experiência poderão formar o grande capitão. Não basta o que se observou com os próprios olhos, pois a vida do homem não é suficientemente fecunda em acontecimentos para conferir uma

2 História e História Militar. Importância e finalidade na formação do comandante. Maj Alfredo S. Díaz. Revista Militar Brasileira — N.º 4 — Out e Dez de 1970 — Vol XCVI.

3 Aula inaugural na ESG e Centros de Altos Estudos da Argentina, pronunciada pelo autor citado, em 1964.



experiência universal. É um erro afirmar que um general nasce feito não havendo necessidade de estudo para a sua formação." Assim expressou-se o Arquiduque Carlos, o maior general austríaco que enfrentou Napoleão.<sup>4</sup>

Já o velho Marechal prussiano Moltke afirmava: "As melhores lições para o futuro obteremos de nossa própria experiência; porém, como esta última não nos será concedida senão em forma muito limitada, é necessário utilizar, mediante o estudo da História Militar, a experiência dos demais."<sup>5</sup>

Verificamos então, que o estudo do Comando, da História Militar, mais a experiência vivida na própria guerra, são as fontes de conhecimento, onde o chefe militar pode buscar a inspiração para a sua conduta futura no Teatro de Guerra.

Sabemos ser impossível provocar-se uma guerra unicamente para se exercitar os chefes militares e proporcionar-lhes uma experiência de presença. E ainda, o escalão vivido em um dado momento por um chefe, dar-lhe-ia um conhecimento nem sempre válido para a função de comando que ele desempenharia no futuro. Poderia, inclusive, ser uma experiência danosa para a nova conduta, visto que o ângulo de observação do fenômeno vivido poderia não corresponder às novas necessidades requeridas.

Resta-nos portanto, o estudo do Comando e da História Militar como fontes reais da educação do espírito do Chefe Militar. "Sem o conhecimento da História, não existe uma verdadeira compreensão do presente e de suas necessidades", já opinava Gerhard Ritter destacando o valor da história.

Deduzimos existirem duas formas de experiência: a direta e a indireta.

Lembramos as palavras do Cel Leopoldo R. Ornstein, historiador argentino, quando dizia: "Pode a experiência teórica, nascido do estudo e da reflexão, ser o único caminho para se chegar a ser um grande general e dominar-se os segredos da arte da guerra. Que experiência tinha Frederico, o Grande, ao começar o seu ciclo de campanhas de retumbantes êxitos contra rivais de uma experiência prática consagrada pela guerra efetiva? E Napoleão ao iniciar-se na Campanha da Itália? Qual a experiência de Moltke nas campanhas contra a Áustria e a França, que o elevaram a situação de um dos grandes capitães da história, aos 65 anos de idade e quando se sabe que jamais havia servido na tropa ou comandado um simples batalhão?"

Igualmente essa mesma história nos recorda que os condutores abatidos por aqueles gênios, foram justamente aqueles, famosos por serem práticos e experimentados na guerra real, que não puderam opor aos vencedores outros recursos senão aqueles que esse tipo de experiência os havia brindado, isto é, os procedimentos dogmáticos. Em uma palavra: a rotina."<sup>6</sup>

4 A concepção da vitória entre os grandes Generais. C. L. Dervieu. Tradução de Frederico Min-dello. Edição 1942.

5 Idem ao número anterior.

6 El Estudio de la Historia Militar. Cel. L. R. Ornstein. B. Of.



Alguns historiadores chamam a experiência indireta de pré-experiência. É aquela que se obtém unicamente pelo estudo da História e História Militar e do Comando (em forma teórico-prática).

Segundo Bismarck, "Só os tolos desprezam a experiência alheia". É preciso instruir-se pelas experiências dos outros, confirma Mao Tse Tung. Finalmente, "não se pode desprezar trinta séculos de conhecimentos".

Frederico, o Grande, gostava de repetir: "O jurista, o político e o guerreiro que recorreu ao ensinamento histórico, aprendeu a ligação existente entre os acontecimentos do presente e os do passado. Ele adquiriu, também, na história, uma pré-experiência".

O Marechal Foch nos deixou o grande ensinamento de que "nenhum estudo é possível no campo da batalha. Ali se faz o que se pode, a fim de aplicar-se o que se sabe. As improvisações geniais nos campos de batalha não são mais do que o resultado das meditações anteriores".

Não podemos esquecer o pensamento universalmente aceito de George Santayna: "Os que ignoram a História estão condenados a repeti-la".

É preciso inclusive se observar que o estudo do Comando e o da História Militar, tem suas bases alicerçadas em um ponto comum: a ação dos grandes chefes do passado. Quando se monta um exercício teórico-prático com a finalidade de se adestrar uma organização, busca-se os ensinamentos dos grandes chefes do passado, apenas adaptando-se esses ensinamentos para as novas contingências do momento. Em suma, recorre-se à experiência vitoriosa já testada em um combate. É raro aquele que procura o ensinamento histórico no derrotado. Normalmente, quando se busca uma lição no exército vencido, assim se procede, apenas para se observar o que não deve ser feito. No entanto, o derrotado, algumas vezes, concebeu manobras de alto valor estratégico ou tático que seriam de grande valor caso alguns condicionantes impeditivos fossem superados. É de grande interesse conhecer-se o pensamento militar dos que perdem uma batalha. Poderemos obter, inclusive, mais experiências nesse estudo do que rebuscando apenas a manobra do vencedor.

O General Peucker, inspetor geral dos Institutos de Ensino da Prússia, dizia no programa destinado à Academia de Guerra de Berlim, em 1868: "Quanto mais escassa for a um exército a experiência da guerra, mais importa recorrer à história como base dessa instrução. Embora a história da guerra não possa substituir a experiência adquirida, pode contudo prepará-la. Na paz, ela constitui o verdadeiro meio de aprender a guerra, de determinar os princípios fixos da arte. É indubitavelmente, a fonte imediata e eterna de todos os conhecimentos utilizáveis na guerra".

As regras de Tática não dispensam a experiência histórica, pois é dela que emanam. O estudo da Casos Históricos, aliado à experiência de guerra — sempre limitada e sujeita às distorções naturais do momento e do escalão que se viveu — vai desenvolver no militar a sua capacidade de comando. Em última análise, o Chefe necessita educar o espírito numa predisposição à direção e é na História que ele adquire tais atributos.



O Cel De La Ruelle, Ex-Diretor do Curso de História Militar da Escola Superior de Guerra da França, citando o Chefe do Estado-Maior do Exército Francês, afirma que a sua escola deve ter no programa o estudo da História Militar e que este estudo devia "ter por fim essencial a formação dos Chefes e não a análise detalhada e estéril das Campanhas".<sup>7</sup>

Cita o próprio Comandante da Escola, quando diz: "Integrado nos estudos táticos, o curso de História é, antes de qualquer outro, um verdadeiro curso de moral militar e de comando, apoiando-se nos exemplos encontrados em nossos anais e procurando fazer ressaltar os ensinamentos de valor permanente que podem ser tirados do exame metódico do comportamento dos chefes e da tropa em determinadas conjunturas".<sup>8</sup>

O Exército Americano, de filosofia pragmática por excelência, atualmente procura se voltar para o estudo da História Militar, a quem relegou, por longo período de tempo, ao segundo plano em seus currículos escolares.

Reconhecendo o fenômeno da insuficiência do conhecimento histórico militar de seus alunos, a Escola de Blindados do Exército citado, iniciou um programa de leitura sistemática sobre história, aliado a seminários, destinados a dar aos alunos de cursos avançados, certos conhecimentos históricos básicos. O programa salienta as seguintes áreas: Guerra da Independência Americana, Guerras Napoleônicas, Guerra da Secessão, 1ª e 2ª Guerras Mundiais (Teatro da Europa e do Pacífico) e o conflito Coreano.

Ao todo, cada aluno deve ler, de uma lista de obras cuidadosamente selecionadas, o mínimo de um livro por mês, durante sete meses. O aluno também tem a oportunidade de ampliar seus conhecimentos, através de discussões em pequenos grupos, compostos de indivíduos que leram obras de autores diferentes, mas relativas ao período determinado pela coordenação.<sup>9</sup>

Finalmente, citamos Wilhelm Bauer, de sua "Introdução ao estudo da História", o seguinte: "Os casos históricos militares permitem um importante ponto de apoio pedagógico para a formação do militar. As conclusões sobre as guerras enquadram-se dentro do pragmatismo histórico e servem de modelo aos comandantes militares para suas futuras atuações no campo operacional".

## Sua formação

### *Aspectos gerais*

O militar é essencialmente formado para a guerra. Essa formação é basicamente realizada em tempo de paz e os responsáveis não podem esquecer que a instrução deve ser orientada para essa destinação: a guerra.

<sup>7</sup> Método de Estudo de Casos Históricos — Exercício da ECEME 4.1, 8-1.1 — An A Doc N.º 1 A — FI 4.

<sup>8</sup> Idem ao número anterior.

<sup>9</sup> Quem não lê História — Maj Carl Wesnoski-Military Review-Ago/73.



Em "Introdução à Estratégia", o Gen André Beaufre nos alerta: "Porque a ausência de guerra não significa o reinado da paz. Pois a paixão do poderio dos homens e as forças obscuras que influem no desenvolvimento da espécie humana, farão que os conflitos sem dúvida inerentes à nossa natureza social, tenham que ser resolvidos mediante lutas, através de novas formas bélicas, nas quais, se bem será evitado o enfrentamento armado, ficará subsistente esse conteúdo fundamental de imposição de vontade que caracteriza a guerra."

Infelizes daqueles que procuram desviar os militares, em suas origens formadoras, desse espírito guerreiro tão necessário a uma Força Armada. Alguns apreçoam uma formação humanista. Outros, através das ciências exatas. Poucos, procuram o ecletismo das generalizações, com grande dosagem de história militar como disciplina complementar.

"Enfim, a verdadeira guerra é a do tempo de paz: ela prepara a outra".<sup>10</sup>

"Alguém já disse que: "Não se pode preparar convenientemente um Exército para a Guerra, se não estivermos *convictos* de que ela pode eclodir *amanhã*."

Todas as citações anteriores tiveram um só objetivo: alertar-nos para a diversidade de programas e currículos das diferentes escolas de formação de oficiais, em grande número de países, completamente divorciados da atividade-fim. Não é possível que o Chefe Militar seja surpreendido pelo fracasso por ter incorrido em um erro histórico. Estuda-se a técnica de comando mas, normalmente, olvida-se o estudo histórico.

### *Em países belicosos*

Nas nações em que a guerra permanentemente está presente, fácil se depreende que todas as forças vivas nacionais se voltam para o problema fundamental: a conduta das operações. A experiência direta vivida pela maioria dos Chefes Militares, faz surgir em diferentes níveis funcionais, casos históricos militares pessoalmente observados. Esses casos disseminam-se para os demais componentes da organização, boca a boca e através da divulgação realizada pela unidade enquadrante.

Ao estreante no campo de batalha, procura-se proporcionar uma pré-existência. Esta experiência indireta servirá de grande apoio ao combatente como subsídio para a educação do espírito. Lembramo-nos de Clausewitz ao proclamar: "Dos livros não se devem levar para a guerra nada mais que a educação do espírito". E, ainda: "Seria um imenso serviço o ensinar a guerra unicamente por intermédio de exemplos colhidos na história".

Esses ensinamentos são seguidos à risca pelas nações em guerra ou que realmente preparam-se para ela. Os Estados Unidos, como vimos atrás, descuidaram-se

<sup>10</sup> Mal Moltke — Citado em "A Concepção da Vitória entre os Grandes-Generais" — C. L. Derivieu — Trad de Frederico Mindello — 1944.

<sup>11</sup> Citação do Cel Affonso von Trompowsky no artigo "Princípios de Guerra — Para que servem afinal" — Rev Mil Bras — N.º 2 — Abr a Jun.



por longo tempo do estudo histórico-militar. Não esqueçamos de que as forças aliadas na 2ª Guerra Mundial, lideradas pelos Estados Unidos, lograram o triunfo graças a uma superioridade de material e não a uma arte ou técnica de comando superior.

Os fracassos após 1945, na Coréia e no Vietname, demonstraram aos americanos que uma nova linha militar teria que ser seguida. Hoje, eles se voltam para a História Militar. Em todos os cursos militares o incentivo para o estudo da História é uma constante.

As Forças Armadas de Israel, atualmente vedetas das citações militares, não esquecem o estudo dos casos históricos. Os ensinamentos buscados na história têm correspondido positivamente nos campos de batalha. Esse estudo complementa a formação militar do chefe israelense. Liddell Hart é um dos estrategistas dos mais estudados e suas idéias de emprego dos blindados são experimentadas continuamente.

Naturalmente que as nações em guerra não procuram nos casos históricos do passado fórmulas, generalizações ou leis rígidas para ganhar batalhas. Jean Petit, bem define esse objetivo, quando diz: "Explorar racional e metodicamente o passado, não só para registrar fatos, o que levaria apenas a uma vã erudição, mas sobretudo, para ali descobrir princípios e fixar idéias, exige uma vontade persistente, uma formação intelectual e uma educação da inteligência que a História Militar nos auxilia a adquirir".<sup>12</sup>

### No Brasil

Em nossa nação, como na maioria dos países pacifistas, a formação do Chefe Militar é realizada sem que se acredite que a "guerra possa eclodir amanhã". O espírito guerreiro do Chefe e dos comandados fica bastante abalado.

A experiência militar nacional em guerras externas é pequena. Poucos são os veteranos e dia-a-dia mais diminui o seu número. A experiência vivida pela Força Expedicionária Brasileira, (FEB) afasta-se no tempo e cai para o conhecimento histórico. O Batalhão Suez e o Destacamento Brasileiro da Força Interamericana de Paz (FAIBRAS) foram experiências pacificadoras. Para o campo da segurança interna, mercê do ótimo trabalho dos órgãos de informações, a nossa capacitação militar se acumula.

Mas, como anda a nossa formação do chefe para um conflito externo? Quais as fontes do conhecimento que nos tem valido?

Acreditamos que basicamente, nos socorremos da técnica do comando (procedimento, mecanismos executivos, regras e princípios explicativos, etc.) e da pré-experiência (através do estudo da História Militar). Temos uma experiência direta tão pequena que se dilui na imensidão do problema. Resta-nos apelar para os

<sup>12</sup> Citação de Jean Petit, no artigo "Princípios de Guerra, para que servem afinal?" do Cel. A. Von Trompowsky, Rev Mil Bras, Nº 2 - Abr a Jun 66.



casos históricos militares. Infelizmente o estudo nesse campo, observado sob o prisma da interpretação histórica, ainda engatinha. Mais se agrava o fato quando nos voltamos para a História do Brasil, em seu tríplice conceito: conhecimento de fontes, historiografia e disciplina. Segundo o Cel Francisco Ruas Santos, "a razão dessa falha decorre de uma conjuntura militar já inteiramente superada, mas cujos reflexos projetaram-se muito além".<sup>13</sup>

A exceção de trabalhos de pesquisa com finalidade doutrinária realizados pela Escola de Comando e Estado-Maior, nesses últimos quinze anos, o Exército ignorou, praticamente, a nossa História Militar.

Vimos que no Brasil, o próprio treinamento do Chefe Militar na técnica de comando é falha. "Nosso Exército, numa conjuntura de Desenvolvimento e Integração, não possui condições ideais para a realização intensiva de manobras. E a razão? Seu alto custo. As manobras em tempo de paz e a guerra, sempre foram as melhores formas de se testar e aperfeiçoar a doutrina de emprego de uma força terrestre.

Por esta razão, o estudo histórico-militar brasileiro deverá idealmente, dominar a doutrina da força terrestre, em todas as ocasiões onde for empregada, determinando de modo sistemático e completo, as soluções corretas e falhas. Nossa experiência de guerra não pode ser abandonada".<sup>14</sup>

E quais os casos históricos militares nacionais que deveriam prioritariamente ser estudados?

Como uma idéia inicial, no campo externo: — A Campanha da Cisplatina, A Guerra da Tríplice Aliança é a atuação da FEB na 2ª Guerra Mundial; no campo interno: — A Invasão Holandesa, Canudos e o Contestado.

Esse mínimo de conhecimento histórico militar, teria que ser abordado no aspecto do aperfeiçoamento de uma doutrina militar brasileira.

Para comprovar o descaso no trato de nossa História Militar, há poucos meses, um excelente instrutor da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, discutia com uma turma de oficiais-alunos, os problemas existentes com um comando combinado interaliado. Citou numerosos exemplos históricos militares alienígenas e particularizou no problema que existiu com o comando interaliado de Eisenhower, na 2ª Guerra Mundial.

Ao término da discussão-dirigida, um oficial-aluno levanta-se e lembra ao instrutor os excepcionais ensinamentos existentes na Guerra do Paraguai, quando por várias vezes a aliança periclitou pelas arestas naturais que se criaram entre os comandos brasileiro, argentino e uruguaio. O exemplo clássico nacional estava muito próximo, mas somente um entre cento e dez oficiais presentes o invocou. Isso mostra o pouco interesse que se dá à História Militar pátria.

13. "Rumos da História do Exército" — Cel F. Ruas Santos — Rev Mil Bra. — N.º 1 e 2 — Jan a Jun 73 — pág. 28.

14. "O Culto das tradições no Exército" — TC Cláudio Moreira Bento — Rev Mil Bras — N.º 1 e 2 — Jan a Jun 73 — Pág. 38.



A eleição de casos históricos estrangeiros como modelo é uma constante. Naturalmente que não se deve abominá-los, muito pelo contrário. No entanto, como na indústria, se temos um produto nacional idêntico ao pé da obra, por que importar? Não queremos dizer que Napoleão, Moltke, Montgomery, Eisenhower, Guderian, Mao Tse Tung, Ho Chi Minh, etc, não devam ser estudados.

Não poderemos deixar de mencionar o fato de que atualmente o Exército Brasileiro procura debruçar-se sobre suas origens. O livro "História do Exército Brasileiro", em três volumes, apesar de não realizar uma análise interpretativa dos eventos e simplesmente narrá-los cronologicamente, dá um passo significativo pois poderá incentivar vários chefes, em diferentes níveis hierárquicos, ao gosto histórico. Ressalte-se ainda que a idéia e responsabilidade de editar a obra partiu do órgão máximo de planejamento da nossa força terrestre, o Estado-Maior do Exército.

A integração dos currículos de ensino entre as diversas escolas de formação de oficiais foi efetivada. Isto é algo alentador pois sabemos que o conhecimento histórico-militar desejável aos alunos da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) e da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME) são de profundidade e graus absolutamente diferentes. Com a presente integração, haverá uma sucessividade no aprendizado histórico e um curso complementar e ampliará o conhecimento adquirido no anterior.

Estas mudanças serão bastante benéficas para a educação do espírito dos futuros chefes militares brasileiros.

## DOUTRINA MILITAR

### Preliminares

Começaremos com a definição do Marechal Castello Branco, sabidamente um apaixonado do assunto: "Uma Doutrina Militar forma um corpo de princípios e processos, retirados quase sempre de dados de uma teoria, ou de várias teorias, todos adaptados, a fim de atender aos problemas militares de uma nação para organizar suas forças, prepará-las para a guerra, levá-las a operação admitidas e previstas. Além de adaptar dados teóricos, pode ainda criar elementos doutrinários próprios, tendo em vista atender particularidades da nação e de seus prováveis contendores."<sup>15</sup>

Segundo o Gen Obino Álvares: "Doutrina Militar é o conjunto codificado das leis que regem a guerra e dos princípios de estratégia; dos métodos de tomada de decisão e de planejamento, da ação administrativa como da ação operacional das idéias e conceitos de guerra no mais alto nível; dos processos de treinamento da tropa e de emprego das formações de combate; das normas e práticas padronizadas do procedimento militar".<sup>16</sup>

<sup>15</sup> Doutrina Militar Brasileira — Conferência do Mai Castello Branco, constante do livro "Marechal Castello Branco: seu pensamento militar". Organizado pelo Cel F. Ruas Santos.

<sup>16</sup> "Doutrina Militar" — Gen Obino Álvares — Defesa Nacional — Nº 643, de Mai/Jun de 1972.



Arriscamos conceituar a Doutrina Militar como um conjunto de princípios que servem de base a um sistema militar. É fruto de trabalho intelectual e de experiências próprias ou de outras nações.

A doutrina de um exército é encontrada em seus regulamentos, manuais, textos escolares, quadros de organização e dotação (QOD), programas-padrão de instrução (PP) e na legislação militar.

Aproveitamos um trabalho do então Maj Mário José Sotero de Menezes, para transcrever: "Parece ponto pacífico que a doutrina militar de um país deve ser consequência da conjugação de vários fatores, entre os quais podemos alinhar:

*Econômico* — traduzindo as possibilidades econômico-financeiro, particularmente do parque industrial, das reservas de minerais estratégicos, etc.

*Psicossocial* — especialmente no que se refere a população apta para o serviço militar, padrão de vida, habilitações profissionais, nível de educação, etc.

*Político* — basicamente no que concerne aos antagonismos externos e internos (estes também fruto do fator psicossocial), tendo como manifestações mais palpáveis as hipóteses de guerra e os Teatros de Operações prováveis de atuação.

*Militar* — tradição militar, cultura e tendências dos cidadãos fardados, etc."<sup>17</sup>

Para sentirmos o real valor de uma doutrina militar bem codificada e principalmente assimilada e aplicada, buscamos o exemplo do trabalho do Marechal Moltke, na reorganização do exército alemão, anterior ao conflito com a França em 1870 e citado pelo Cel Pedro Cordolino F. de Azevedo: "Moltke dotou o exército prussiano de uma doutrina guerreira. Os fundamentos dessa doutrina ele os investigara, com tenacidade e espírito positivo, no estudo das campanhas de Napoleão, procurando tanto quanto possível, apropriar-se do espírito da arte do grande corso.

Uma das consequências notáveis da atuação uniforme e metódica de Moltke na instrução do corpo de oficiais prussianos foi a unidade de doutrina que soube incutir no espírito dos chefes e que se tornou notável. Rousset, a propósito, cita dois casos chocantes e contraditórios passados na guerra de 1870, um com o exército francês e outro com o prussiano. No combate de Spicheren, por exemplo, quatro chefes prussianos se sucedem no comando por causas várias: entretanto, todos agiram dentro da mesma concepção estratégica sem que nenhum deles abdicasse de sua ação pessoal, própria como chefe da tropa. Em Sedan, ao contrário, houve três comandantes franceses que se sucederam e cujas resoluções variaram profundamente: o primeiro queria resistir a pé firme naquela praça, o segundo desejava abandoná-la efetuando uma retirada e o terceiro adotou a ofensiva. Cada cabeça, cada sentença e o resultado, apesar do brálio da luta, foi a derrota do exército francês e seu consequente aprisionamento"<sup>18</sup>

17 "Doutrina norte-americana, espírito alemão e tradição brasileira". Maj Mário J. Sotero de Menezes — Rev Mil Bras — Nº 2, Abr a Jun de 1966.

18 "História Militar" — Cel Pedro Cordolino F. de Azevedo.



Preceitua a Escola Superior de Guerra que, ao estabelecer-se uma doutrina militar, três fases sejam consideradas, muito embora na prática, seus limites não sejam nítidos e, muitas vezes, se desenvolvam simultânea e não sucessivamente. Essas três fases são:

- a da Formulação, em que são encarados os fundamentos sobre os quais se assenta toda a doutrina e considerados os fatores de influência que atuam, direta ou indiretamente, sobre eles;
- a da Corporificação, que decorre da aceitação das conclusões da fase anterior e se traduz na elaboração das normas e princípios doutrinários, consubstanciados em documentos diversos;
- a da Aplicação e Verificação, em que se procura, através da aplicação objetiva e prática, comprovar a validade do que foi estabelecido nas fases precedentes, para consolidação ou rejeição posteriores.

"Entre os vários fatores que influenciam a formulação da doutrina militar podemos salientar os de natureza histórica, geográfica, política, econômica e os fatores psicossociais.

A corporificação envolve a aceitação dos princípios estabelecidos e adotados os aspectos ligados à tradição histórico-militar, reações decorrentes do estudo dos fundamentos e da análise dos fatores de influência e os elementos das doutrinas militares estrangeiras incorporadas.

**Na fase da aplicação e verificação, procura-se testar, na vida diária das organizações militares, nos estados-maiores, nas escolas, nas manobras e nos exercícios combinados, tudo o que já houver sido incorporado à doutrina militar."**<sup>19</sup>

Sabemos que a doutrina militar pode ser importada, desde que bem adaptada às novas circunstâncias. Lógico que a procura nas fontes nacionais, na experiência dos que nos antecederam, será muito mais racional e os seus ensinamentos já estarão testados dentro das condicionantes do usuário. Perigoso será copiar de uma nação estrangeira a sua doutrina, esquecendo-se de que os fatores econômico, psicossocial, político e militar que impuseram a adoção de tais princípios na nação formuladora não serão os mesmos da copiadora. Em suma, sempre que possível procura-se elaborar uma doutrina militar nacional condizente com o poder existente.

Apelando mais uma vez para o Marechal Castello Branco, diríamos: "A doutrina militar tem que concordar com os recursos nacionais e com as necessidades da segurança nacional".

Exemplificando esse aspecto importante de ajustamento doutrinário às peculiaridades do poder nacional, lembramo-nos da doutrina preconizada para os movimentos retrógrados no Brasil, na Alemanha Ocidental, nos Estados Unidos e na França.

No Brasil, face a sua extensão territorial e grandes espaços vazios, damos ao luxo de trocar o espaço pelo tempo; na Alemanha Ocidental, a largura de seu

<sup>19</sup> "Estudos de Estratégia" - Gen Obino L. Álvares - Bib Ex - 73.



território, no sentido Leste-Oeste, de pouco mais de 200 km, não permite estabelecer-se o princípio da troca do terreno pelo tempo; nos Estados Unidos, não é levantada a hipótese de guerra em seu território, estando assim prejudicado o princípio em questão; finalmente na França, o inimigo é retardado da sua fronteira até o interior do seu próprio território e, após detido ou quebrada a sua impulsão, é destruído pelo lançamento de um artefato nuclear.

Vimos assim, quatro conceitos doutrinários diferentes, para a resolução de um mesmo problema militar.

## Formulação

Meditemos como poderemos criar uma doutrina militar. Sabemos que qualquer doutrina deve assegurar ao combatente o cumprimento de sua missão. A doutrina militar dispõe de um elemento *estável*, como bem disse o Cel Affonso von Trompowsky, "seu esqueleto", os Princípios de Guerra, desvendados após secular observação histórica. A outra parte, essencialmente evolutiva, como "músculos e carne"<sup>20</sup> completam o *corpo* da doutrina. É sobre o revestimento carnal que vão influir os elementos conjunturais, para dar-lhe a fisionomia adequada à época contemporânea.

A pesquisa histórico-científica é primordial para o estabelecimento e desenvolvimento de uma doutrina militar.

A análise de casos históricos-militares proporciona os ensinamentos necessários para a formulação da doutrina militar. Naturalmente que as "bases estáveis" da doutrina não necessitam de mudanças continuadas; o "corpo" da doutrina sim, deve-se ajustar o ensinamento sugerido pelo caso histórico às novas condicionantes ambientais.

"A elaboração de uma doutrina exige um trabalho contínuo de pesquisas, avaliações e conclusões, tudo dentro de uma intransigente objetividade. Para fazê-lo além de se tomar por base uma realidade inelutável, os seus organizadores têm que empreender uma luta incessante contra o conservantismo e contra a visão simplista de problemas complexos e difíceis."<sup>21</sup>

É interessante lembrar Stanley Sandler quando formulou: "Devemos encarar a dura verdade de que o planejamento feito pelos militares para as guerras futuras quase sempre visou à guerra errada, todas baseando-se em lições do conflito anterior".<sup>22</sup>

<sup>20</sup> "Princípios de Guerra — Para que servem afinal?" — Artigo do Cel Affonso von Trompowsky — Rev Mil Bras — Nº 2 — Abr a Jun 66.

<sup>21</sup> "Doutrina Militar Brasileira" — Conferência do Mal Castello Branco e constante do livro org. pelo Cel Ruas Santos: "Marechal Castello Branco: seu pensamento militar".

<sup>22</sup> "A História e os Militares" — Stanley Sandler — Artigo transcrito em Military Review, Ed Bras, Jan de 1972.



É oportuno recorrermos à história contemporânea, transcrevendo dois casos históricos-militares recentes, onde procuraremos destacar deles alguns ensinamentos doutrinários de ordem geral.

O primeiro, oriundo da 2ª Guerra Mundial, no episódio da surpreendente contra-ofensiva alemã nas Ardenas.

Em fins de dezembro de 1944, Charles G. Bolte, escrevendo na "Nation", interpretava a campanha das Ardenas em termos nacionais amplos e radicais: — "Nos campos tático, estratégico e psicológico, portanto, cometemos o mais grave pecado (subestimar o inimigo) em guerra. A única explicação possível ou satisfatória deste estado de coisas, parece-me, é que incorremos no que podia ser denominado um *erro histórico*<sup>23</sup> em um nível mais vital do que qualquer outro já mencionado: enganamo-nos, a maioria de nós, acerca da natureza essencial desta guerra. A despeito dos protestos em contrário daqueles dentre vós que vêem esta guerra como alguma coisa mais do que uma guerra nacional-imperialista de conquista e de contra-resistência, nosso pensamento tem sido deformado pela história das guerras do passado, em que as nações abandonavam a luta quando se viam derrotadas. Agora estamos engajados em uma guerra em que as nações não desistem mesmo quando derrotadas, em que não existe coisa parecida com rendição, em que o fascismo domina o mundo ou é completamente dominado".<sup>24</sup>

O próprio analista tirou os ensinamentos doutrinários existentes no caso apresentado; não subestimar o inimigo e não acreditar que o conflito presente é idêntico ao conflito anterior. Houve o esquecimento do princípio básico na formulação de uma doutrina militar: ela é essencialmente evolutiva.

Outro caso histórico de real interesse, é ainda mais recente. Trata-se da Guerra Árabe-Israelense desenvolvida em outubro de 1973. Para maior clareza da notícia apresentada pelo jornal "O Globo", edição dominical do mês de novembro de 73, transcreveremos, na íntegra, o informe apresentado, quando o articulista rotula a nota de: *Infantaria, fator decisivo na guerra*, e diz: "A alta tecnologia das guerras modernas converteu novamente a infantaria em fator decisivo nas batalhas e coloca em xeque a eficiência das ações combinadas de aviões e blindados, opinam peritos militares franceses.

Os ensinamentos da quarta guerra do Oriente Médio são motivo de estudo pormenorizado nos EM das potências ocidentais e, ao que tudo indica, introduzirão modificações nos conflitos militares da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN).

A infantaria, afirmaram os especialistas militares, decidiu as três batalhas mais importantes da guerra entre Israel e países árabes: o ataque de surpresa egípcio, a seis de outubro último, que permitiu atravessar o Canal de Suez; os últimos

<sup>23</sup> Destaque nosso.

<sup>24</sup> Citação de Charles G. Bolte, no livro "Florestas Armadas", de John S. D. Eisenhower, Tomo I, pág. 51.



combates nas colinas de Golan e a contra-ofensiva israelense na margem ocidental do Canal.

### NOVA CONCEPÇÃO

Portanto, a alta tecnologia militar atingida nas últimas décadas permite à infantaria combater os tanques empregando foguetes anticarro (AC) e, inclusive, operar bases móveis de foguetes terra-ar tipo SAM-6 e SAM-7.

Com estas armas, a infantaria está em condições de destruir os blindados antes que a tripulação do carro possa avistar o inimigo, prova disto é o grande número de tanques destruídos durante a última guerra entre árabes e israelenses.

Estes fatos começaram a por em questão a supremacia dos blindados no campo de batalha e até mesmo das ações combinadas de tanques e aviões, armas que decidiram guerras nas últimas três décadas.

A infantaria, afirmou este grupo de peritos, também pode exercer o controle do espaço aéreo pelo uso das baterias móveis de foguetes terra-ar, de difícil destruição, mesmo com o emprego das bombas inteligentes, teleguiadas até o objetivo.

A ação combinada de tanques e aviões, tática inaugurada pelos alemães na Guerra Civil Espanhola e aperfeiçoada durante a 2ª Guerra Mundial, foi brilhantemente empregada por Israel em 1967. Mas esta tática demonstrou alto grau de vulnerabilidade na última guerra entre árabes e israelenses, frente aos foguetes que se converteram donos do espaço aéreo e terrestre.

Os egípcios incorreram no erro de manter seus foguetes em posição estática — enterrados — mas sua capacidade de movimentação transformou totalmente a concepção da guerra vigente desde o período 1939-1945.

Dificilmente Israel teria destruído as bases de foguetes egípcios sem a intervenção de sua infantaria, que tomou de assalto essas rampas, às vezes em combate corpo-a-corpo.

A guerra do mês passado demonstrou, segundo os analistas, que, devido a alta tecnologia bélica aviões e blindados voltam a depender da infantaria.

O caso apresentado corrobora a assertiva de que a doutrina militar, em sua parte evolutiva, forçosamente necessita considerar a tecnologia, os novos meios e a mutação da política de segurança nacional, para a sua eficiente formulação.

O binômio força aérea-blindados, de doutrina de emprego tão alicerçada, sofreu um abalo em seus princípios. É um acontecimento militar novo que merece profundos estudos, numerosos treinamentos em manobras e a futura codificação doutrinária para as nações onde o poder nacional comporta tais alterações.

Vemos, particularizando nos dois exemplos apresentados, como o formulador da doutrina militar é obrigado a rebuscar na história acontecimentos que possam criar determinados princípios doutrinários ou mesmo alterá-los quando os existentes se tornam caducos.



Finalmente, não podemos esquecer que: "Se a doutrina como um todo pode vir a ser alterada periodicamente, com a freqüência imposta pela evolução da técnica, suas bases são mais estáveis, menos sujeitas a modificações. Acreditamos que o cerne de sua estrutura, fundamentado em leis, princípios e conceitos muito gerais, resiste mesmo a grandes alterações nos próprios processos de combate".<sup>25</sup>

## Brasileira

### *Passado*

Analisaremos sucintamente, a tradição da força terrestre nacional, visto que, segundo Tocqueville: "Os povos ressentem-se eternamente de sua origem. As circunstâncias que os acompanharam ao nascer que os ajudaram a se desenvolver influem sobre toda a sua existência".<sup>26</sup>

Da descoberta e até a independência, a tradição militar brasileira se superpõe e se confunde com a portuguesa.

A falta de persistência do índio atenuou a virtude contrária do português, dando ao brasileiro resultante o meio termo.

A capacidade de improvisação do indígena transmitiu-se integralmente ao brasileiro.

Por influência do negro e do índio — idênticos nesse particular — o brasileiro tem-se mostrado dependente inteiramente da qualidade do chefe para chegar à vitória. Temos exemplos notáveis que comprovam tal característica:

- a resistência nula oferecida pelos baianos aos holandeses, por culpa de um chefe fraco; os mesmos homens, mais tarde, conduzidos por chefes capazes, formam as guerrilhas que foram um dos fatores da vitória contra o invasor;
- a transformação do exército em operações na Guerra da Tríplice Aliança, antes de Tuiuti e após a chegada de Caxias.

A falta de objetividade e freqüência das reformas. Começamos em 1824 e a seguir: 1825, 1826, 1828, 1830, 1831, 1832, 1833, 1838, 1839, 1842, 1844, 1851, etc. O exame dessas pseudo-reformas denuncia um choque entre as necessidades e as possibilidades da política militar brasileira e mostra que havia uma preocupação em melhorar apesar de soluções nem sempre satisfatórias.

Durante a guerra da Tríplice Aliança, tivemos um chefe como Osório que recebeu a hercúlea tarefa de organizar o primeiro corpo de exército brasileiro. A improvisação foi a tônica dominante. Os manuais de campanha foram feitos apressada-

<sup>25</sup> Doutrina Militar — Artigo do Gen Obino Álvares — Defesa Nacional — Nº 643 — Mai/Jun — 1972.

<sup>26</sup> Doutrina norte-americana, espírito alemão e tradição brasileira — Citação encontrada — Maj Mário J. S. Menezes — Rev Mil Bras — Nº 2 — Abr a Jun de 1966.



mente e até mesmo no Teatro de Operações. A esta obra gigantesca do Marechal Osório, principal alicerce para a vitória final, não se tem dado o devido realce.

Após a Campanha do Paraguai, embora se tenha feito uma pesquisa entre os chefes militares, perdeu-se quase por completo a experiência de guerra.

Na República, as reformas militares sucederam-se com a mesma intensidade. O objetivo permanecia o mesmo: imitar as nações mais adiantadas, sem o conseguir, em detrimento do fim precípua da força terrestre — sua preparação para a guerra.

O Marechal Mallet realizou uma reforma das mais objetivas. O nosso Estado-Maior passou a inspirar-se no exército Prussiano. Felizmente não se copiaram as organizações, tornando-a mais duradoura do que as outras.

A Missão Militar Francesa deu novos rumos à nossa doutrina militar. "Tendo pela frente tarefa enorme, a Missão Militar Francesa procurou sabiamente atacar os pontos mais críticos. No caso do ensino da História Militar, não dispo de textos brasileiros adequados e pensando no aproveitamento pragmático dos fatos histórico-militares no terreno da estratégia e da tática, os instrutores franceses, muito acertadamente aliás, exerceram o esforço didático divulgando fatos da História Militar Geral e estudando casos históricos para evidenciar a doutrina ou comprová-la. Não obstante, os mestres franceses deixaram-nos mensagem salutar, que assim expressamos: Estudem a História Militar do Brasil e dela procurem tirar a substância que há de corporificar uma doutrina militar brasileira".<sup>27</sup>

A necessidade de se organizar a FEB e enviá-la à Itália, obrigou-nos a adotar a doutrina militar norte-americana, desprezando-se em parte, os frutos do trabalho da missão francesa. Agora, "a fúria copiadora" foi em todos os setores. Adotaram-se quase sem qualquer adaptação, organização, equipamento, métodos, quadro de organização, manuais, etc. Esqueceu-se que a potencialidade dos Estados Unidos e a do Brasil são bastante diferenciadas. Enquanto durou a guerra, o fenômeno era absolutamente explicável.

Terminado o conflito, extinta a FEB, a imitação e a cópia doutrinária continuaram. Este estado constrangedor permaneceu até a última reforma, a iniciada em 1971, e que, em nossos dias está em fase de implantação.

### *Presente e Perspectivas*

No momento, o Exército Brasileiro realiza uma reforma militar de grande profundidade. Não se procurou esquecer um passado. Não se abandonou o acervo histórico-militar já existente. Aproveitou-se todos os meios em uso e planejou-se objetivamente, o emprego de meios disponíveis em seu próprio território. Procurou-se, mediante pequenas transformações materiais, tirar o obsoletismo de alguns engenhos de guerra mediante felizes e oportunas transformações.

<sup>27</sup> "Rumos da História do Exército" — Artigo do Cel F. Ruas Santos, na Rev Mil Bras, Nº 1 e 2 — De Jan a Jun 73 — pág 28.



Considerou-se todas as hipóteses de guerra possíveis e as conseqüentes respostas bélicas necessárias.

As mudanças sofridas pela força terrestre nos campos operacional e principalmente administrativo, compatibilizaram plenamente esta força com as aspirações nacionais.

As estratégias de ordem interna — presença e edificação — apesar de importantes e construtivas, não perturbam as estratégias de ordem externa — alianças e ação independente.

Parece-me que o conceito seguinte do Mal Castello Branco, está sendo inteiramente respeitado pelo Estado-Maior do Exército, órgão que estruturou essa reforma: "Uma Doutrina Militar é delineada para uma época e a sua evolução decorre da influência da ciência e da técnica, do aparecimento de novos meios e da mutação da política de segurança nacional. Não é estabelecida para uma guerra qualquer e sim, para um conflito ou conflitos que uma nação pode admitir em seus antagonismos, na vigência de determinadas hipóteses de guerra. A Doutrina Militar tem que concordar com os recursos nacionais e com as necessidades da segurança nacional".<sup>28</sup>

As Divisões de Exército e as Brigadas recém-organizadas, enquadram-se dentro do espírito Castalista.

Voltam-se os nossos organismos de formulação da doutrina militar para o estudo científico de nossas experiências. Procuram-se os ensinamentos válidos, sejam sob a forma de acertos para a incorporação da doutrina ou sob a forma de erros a serem evitados.

Na atual conjuntura, conforme já vimos anteriormente, o Exército não possui condições ideais para a realização intensiva de manobras. O alto custo das mesmas reduz praticamente a uma grande manobra anual.

A perspectiva é voltarmos-nos intensamente para a nossa experiência de guerra. Na verdade continuaremos a traduzir a doutrina alienígena, agora adaptando-a para as nossas condições geográficas, políticas, econômicas, sociais e militares.

Pensaremos e organizaremos a nossa doutrina militar com os "pés no chão". Isto quer dizer que compatibilizaremos a missão e os meios do inimigo potencial. Não se deve ficar no hoje, mas também, não se deve procurar o amanhã inatingível. Seria insensato continuarmos a pensar — até mesmo organizando no papel — em Divisões Blindadas, Mecanizadas, Páraquedistas, etc, quando não temos um suporte econômico-industrial compatível com a grandeza do sonho alçado.

É lícito estudarmos os avanços tecnológicos dos outros exércitos, com seus conseqüentes reflexos na doutrina militar, nas escolas de altos estudos e nos órgãos setoriais do Ministério do Exército encarregados de formular ou aperfeiçoar a doutrina militar. Nunca se deve lançar a doutrina militar como simples cópia de outros

<sup>28</sup> Doutrina Militar Brasileira — Conferência do Mal Castello Branco. Do livro "Marechal Castello Branco: seu pensamento militar" — Organizado pelo Cel F. Ruas Santos.



exércitos. Aliás, esse já é o pensamento atual e acreditamos que permanecerá para as gerações militares futuras essa mudança lógica no pensamento doutrinário.

Acreditamos que com essa mudança de mentalidade serão abolidos do nosso exército:

- o copiar, dando vazão a criatividade;
- a obtenção de equipamentos estrangeiros — pela facilidade aquisitiva que representa — intensificando-se a produção no país;
- a idéia de que a possibilidade de atuação em Área Operacional Extracontinental, face aos compromissos internacionais, obrigue-nos a adoção da doutrina militar norte-americana, em prol de uma doutrina essencialmente nacional; e
- a busca continuada nos casos histórico-militares estrangeiros de ensinamentos doutrinários, em detrimento total de nossa tradição militar nacional.

## CONCLUSÕES

### Os casos históricos militares

#### *Na formação do chefe*

O chefe militar é formado para a sua atividade-fim: a guerra. Essa formação é realizada ao longo de toda a vida do militar. A guerra é arte e é ciência. Como é ciência, o chefe militar deve buscar na história militar os seus princípios básicos, o exemplo dos grandes capitães do passado e os ensinamentos histórico-militares mais relevantes. Como é arte, o chefe militar, após a sua formação histórica, procurará nas raízes do seu próprio ser as respostas aos problemas inéditos que se lhes apresentarem. Deverá imprimir um máximo alento à criatividade. Porém, jamais poderá esquecer que a guerra é também, ciência. Integram-se arte e ciência. Do conhecimento prévio, a imaginação e a criatividade emergirão no verdadeiro chefe militar. Não serão frutos do acaso ou da sorte e sim, de uma preparação anterior.

As fontes de experiência de um chefe militar são: o comando, a história militar e a própria guerra. O número de comandos existentes em nosso exército é reduzido. O tempo destinado ao oficial em função de Chefia — pelo menos até galgar o generalato — é em torno dos dois anos. O número de manobras-ano é pequeno. Assim, a experiência de comando é bastante limitada.

Não se provoca uma guerra para se treinar os chefes militares. O número de veteranos em guerras passadas é diminuto. O ângulo de observação dos casos históricos vividos, pode não ter sido o ideal para os ensinamentos futuros necessários a um Chefe Militar. Dos que fizeram a guerra e estão no serviço ativo, restam somente aqueles que desempenharam as funções de oficiais subalternos e capitães. Ao Chefe Militar brasileiro avulta o estudo da História Militar.



Quanto menor a experiência de guerra de um exército, maior deve ser o empenho de seus componentes na obtenção de uma pré-experiência, através do estudo dos casos histórico-militares.

O ensino da História Militar em nossas escolas modeladoras de Chefes, deve ser aperfeiçoado e valorizado. Deve existir nos três degraus da formação — Academia Militar, Escola de Aperfeiçoamento e Escola de Comando. Esse aprendizado dará oportunidade ao oficial de obter uma visão global da História, alargando o seu horizonte interpretativo e tornando-o capaz de perceber certos fenômenos, aparentemente novos para um leigo, mas já explorados e vividos por outras gerações que nos antecederam. Tornar-se-á bem menos espinhoso o exercício da Chefia Militar.

Não se deve procurar nos casos histórico-militares fórmulas mágicas ou generalizações inexistentes para se ganhar batalhas. Não se deve esquecer que ao ensinamento auferido no caso histórico, deve-se acrescentar a nova conjuntura a ser vivida. Basta variar um dos elementos: o homem, o meio ou o terreno, para que em conseqüência, a solução também varie. Não há e não haverá jamais, esquemas ou modelos para se ganhar a guerra ou as batalhas. O alemão Schlieffen ao procurar em Napoleão, com a batalha do duplo envolvimento, a fórmula do sucesso, esqueceu-se de que o meio conjuntural já não era o mesmo vivido pelo grande corso. Enfim, o que deve ser almejado no estudo da História Militar é a educação do espírito.

Não se pode deixar de lembrar o Marechal Foch quando disse: "As improvisações geniais no campo de batalha não são mais do que o resultado de meditações anteriores". Ao se interpretar um caso histórico-militar, deve-se também, com profundidade, observar o planejamento e a condução das operações do exército derrotado. O normal é obter-se os ensinamentos advindos do vitorioso — *o como fazer* — e do derrotado, apenas as causas do insucesso — *o que não se deve fazer*. Acreditamos que uma gama de ensinamentos positivos possa ser colhida do perdedor. O Chefe Militar deve dissecar completamente o caso histórico-militar, para que o ensinamento a ser incorporado à sua mente, não sofra as distorções possíveis do ângulo de observação unilateral.

#### *Na formulação da doutrina militar*

O estabelecimento de uma doutrina militar comporta três fases, sem limites distintos e se desenvolvendo, às vezes, simultânea e sem sucessividade: formulação, corporificação e aplicação. Entre os vários fatores que influenciam a formulação de uma doutrina militar destacamos, como o mais importante, o de natureza histórica.

Uma doutrina militar para ser formulada necessita:

- ser importada (copiada integralmente ou aproveitada com as adaptações para a nova conjuntura);
- inspirar-se em casos histórico-militares alienígenas;
- utilizar-se dos processos anteriores (cópia com as adaptações necessárias



e aproveitamento dos casos históricos alienígenas) e mais, de casos históricos autóctones.

Sempre que possível, uma nação deve optar pelo terceiro processo para o estabelecimento de sua doutrina militar. Neste caso aproveita-se basicamente a tradição militar nacional. Para determinadas necessidades doutrinárias, onde não é possível uma inspiração nativa, por inexistência ou inadequação, recorre-se às doutrinas estrangeiras, adaptando-as às novas contingências do poder nacional.

As "bases estáveis" de uma doutrina militar não necessitam de continuadas modificações. Sua perenidade é visível. Ela recorrerá obrigatoriamente, aos ensinamentos sugeridos pelos grandes capitães que escreveram a História. Os Princípios de Guerra ao serem aceitos e incorporados como verdades indiscutíveis — Ofensiva, Objetivo, Massa, Manobra, Economia de Forças, Unidade de Comando, Simplicidade, Segurança e Surpresa (para o nosso exército) — passaram por uma verdadeira destilação histórica.

O "corpo da doutrina" deve ajustar o ensinamento sugerido pelo caso histórico-militar às novas condicionantes ambientais. É por isso mesmo, sujeito a um trabalho contínuo de pesquisas, avaliações e conclusões. Os avanços tecnológicos, os meios postos à disposição da força militar, as hipóteses de guerra formuladas, etc, têm que ser sabiamente consideradas. Não se pode esquecer que se prepara um exército para uma guerra futura. Não se pode imaginar que uma guerra passada estudada vá se repetir. Apenas observamos que tanto as "bases estáveis" como o "corpo" de uma doutrina militar, buscarão nos casos histórico-militares, a fonte segura e primeira para o estabelecimento dessa doutrina desejada.

Os planejadores militares estão submetidos a dois tipos contraditórios de influências. De um lado, as forças de mudança que lutam pela renovação da organização militar; de outro lado, as forças que representam a tradição e a experiência de "guerra passada", que se batem pelo "status quo". Ao se formular uma doutrina militar raramente se parte do nada. Há normalmente um acervo grande de conceitos doutrinários já incorporados ao "modus vivendi" da força em questão. Reformular uma doutrina implica em uma série de atos consubstanciados em várias etapas distintas:

- reexame das idéias e conceitos básicos;
- reorganização e reequipamento de unidades militares;
- verificação experimental da nova organização em campos de instrução e manobras;
- reformulação dos manuais doutrinários.

Achamos formidável quando executamos uma reforma militar que é absolutamente inadiável. No entanto, o nosso otimismo se desvanece, quando sentimos que na atual reforma executada pelo nosso exército, algumas etapas que são inseparáveis quando se executa uma mudança na doutrina militar, deixam de ser efetivadas. Exemplificaremos para maior clareza. A nossa força singular terrestre, mudou recentemente, o seu sistema de apoio administrativo. A prestação do apoio adminis-



trativo por meio dos serviços técnicos, deu lugar à execução do serviço considerado, por "atividades funcionais". É de se notar que o anterior sistema não havia ainda sido completamente testado. As etapas necessárias para a concretização da doutrina a respeito do assunto não haviam sido integralizadas totalmente. Mudamos radicalmente baseados na experiência norte-americana no setor e apoiado no avanço tecnológico atingido pela informática. Desconfiamos que a mentalidade nova, necessária para que o novo sistema de apoio vingue, não esteja sendo buscada. E ainda, por motivos econômicos óbvios, não possamos verificar com profundidade, nos campos de instrução e nas manobras, a excelência do sistema tão em uso na nação líder do bloco ocidental.

Em suma, as reformas doutrinárias são salutares, mas além da inspiração oriunda do caso histórico-militar, quer nacional ou alienígena, há necessidade de compatibilizar-se às condicionantes do novo poder nacional.

Está havendo uma inflexão na mentalidade para o estabelecimento da doutrina militar brasileira terrestre. Já copiamos menos e iniciamos a procura das fontes históricas nacionais para a sua formulação. Procura-se compatibilizar o ensinamento histórico auferido, às novas evidências conjunturais. Por economia, a verificação doutrinária tem sido desprezível. Os graves reflexos negativos na eficiência operacional não tardarão a se manifestar. Urge buscarmos o equilíbrio na formulação da doutrina militar, seguindo sucessivamente, todas as etapas indispensáveis para a real reformulação doutrinária.

Somente pela corajosa mudança de mentalidade no estabelecimento da doutrina militar e pelo engajamento de todos no sentido da ação, poderemos conceber um exército operacional e capacitado a cumprir as missões porventura emergentes da estratégia de ação independente.



*O Tenente-Coronel Inf QEMA Nilton Moreira Rodrigues, natural de Capela, Alagoas, atualmente Instrutor da ECEME, é da turma da AMAN de dezembro de 1956. Além dos cursos normais necessários ao oficial de Estado-Maior, possui o de Guerra na Selva, feito no Exército dos EUA, em Fort Sherman, Zona do Canal, Panamá.*

## 5. BIBLIOGRAFIA

### a. Livros

- 01) A concepção da vitória entre os grandes capitães — C. L. Dervieu — Trad. de Frederico Mindello.
- 02) A Estratégia dos Aliados na 2ª Guerra Mundial — Heitor de Almeida Herrera.
- 03) A Guerra de Canudos — Macedo Soares.



- 04) A Segunda Guerra Mundial – Winston Churchill.
- 05) Chefia e Liderança – Col 22 – O – 1. ECEME.
- 06) El Estudio de la Historia Militar – Cel Leopoldo R. Ornstein.
- 07) Enciclopédia Abril – Ed 1974.
- 08) Enciclopédia Britânica – Ed 1973.
- 09) Estratégia – B. H. Lidell Hart – Trad Ten Cel Celso Meyer.
- 10) Estratégia Militar e Desarmamento – Nelson Freire L. Wanderley.
- 11) Estudos de Estratégia – Obino Lacerda Álvarez.
- 12) Florestas Amargas – John S. D. Eisenhower – Trad Ten Cel – L.P. Macedo Carvalho.
- 13) História Militar – Cel Cordolino F. de Azevedo.
- 14) História do Brasil – Rocha Pombo.
- 15) Introdução à Estratégia – Gen André Beaufre.
- 16) Marechal Castello Branco – seu pensamento militar. Livro organizado pelo Cel F. Ruas Santos.
- 17) Método de Estudo de Casos Históricos – Exercício da ECEME.
- 18) Poesias – Fernando A. N. Passoa.
- 19) Risco Calculado – Mark W. Clark.
- 20) Segurança Nacional; problemas atuais – Gen Aurélio de Lyra Tavares.

## b. Artigos

- 01) A Arte Militar de Sun Tzu – Mensário de Cultura Militar – Jul/Ago de 1964.
- 02) A História e os militares – Stanley Sandler – Military Review – Ed. Bras. – Jan 72.
- 03) A Mobilidade Tática: definição e princípios – Trad do artigo do Ten Cel Prentice G. Morgan – Cultura Militar Brasileira – Nº 211 – 2º Sem de 1967.
- 04) Campanha do Contestado; Guerrilha e Antiguerrilha – Ten Cel Milton Pedro Weise – Cultura Militar Nº 214 – 2º Sem 69.
- 05) Doutrina Militar – Gen Obino Álvares – Defesa Nacional – Nº 643 – Mai/Jun de 1972.
- 06) Doutrina Norte – Americana, espírito Alemão e Tradição Brasileira – Maj Mário J. Sotero de Menezes – Rev Mil Bra Nº 2 – Abr a Jun de 1966.
- 07) Formação do Chefe na opinião de um industrial – Marcel Demouque – Mensário de Cultura Militar – Nº 163/4 – Mai/Jun 62.
- 08) História e História Militar. Importância e finalidade na formação do comandante – Maj Alfredo S. Diaz – Rev Mil Bras – Nº 4 – Out a Dez de 1970.
- 09) O Culto das tradições do Exército. Maj Cláudio Moreira Bento – Rev Mil Bras – Nºs 1 e 2 – Jan a Jun 73.
- 10) Princípios de Guerra – Para que serve afinal? – Cel Affonso von Trompowsky – Rev Mil Bras – Nº 2 – Abr a Jun 66.
- 11) Quem não lê história – Maj Carl Wesnoski – Military Review – Ed Bras – Ago 73.
- 12) Rumos da História do Exército – Cel F. Ruas Santos – Rev Mil Bras – Nºs 1 e 2 – Jan a Jun de 1973.